

grande reportagem

texto // Patrícia Cruz Almeida
fotografia // Pedro Ramos

Sem-abrigo: a luta pela sobrevivência não tem que ser solitária

Coimbra não é das cidades com mais sem-abrigo, mas são os suficientes para deixar um nó na garganta. O DIÁRIO AS BEIRAS acompanhou as equipas de rua que apoiam e encaminham estas pessoas

●●● São quase 22H00 de quinta-feira. É noite cerrada e junto ao Centro de Reforço Solidário de Coimbra (CRESC), debaixo do viaduto da Casa do Sal, mal se dá por este homem que se aproxima devagar. A luz ténue e amarelecida de uma luminária revela as formas de um corpo enfiado num fato cinzento. O homem, que quase todos conhecem pelo nome, não é novo nestas andanças. Dizem que, em tempos, chegou a estudar Medicina na alta universitária. Não sabemos o que o trouxe até este submundo que o torna invisível aos olhos dos outros. José (vamos chamar-lhe assim) percorre aquele caminho quase todas as noites. Sabe-o de cor.

Nesta noite fria de janeiro e de chuva, a vereadora da Ação Social e o presidente da Câmara juntam-se ao giro de rua. O homem aprumado, já com alguma idade, reconhece o responsável pelo município e aproveita para dar-lhe uma palavra. José Manuel Silva ouve-o atentamente. Nunca se furta a escutar, ainda que do outro lado chegue um pedido, um pretexto, um grito de revolta.

Dormir sob o viaduto

No Centro de Reforço Solidário de Coimbra são oferecidas, de segunda a domingo, refeições quentes com a colaboração de diversas instituições do Núcleo de Planeamento e Intervenção em Sem-Abrigo de Coimbra (NPI-SA), num espaço gerido pela câmara municipal. Nesta noite, 29 pessoas vieram buscar comida e café.

Quando a porta se fecha, ainda chove. Sentado numa das soleiras do CRESC, um homem franzino, de boné vermelho na cabeça, sorri. Perguntamos-lhe o que faz ali. É evasivo, apressa-se a dizer que não é sem-abrigo.

"Sou madeirense. Vim ter com a minha mulher e por cá fiquei", conta, evitando falar sobre o

nota editorial

Agostinho Franklin
diretor

Para conhecimento

O percurso que realizámos para acompanhar uma equipa de rua de apoio aos sem-abrigo, a nosso pedido, junto da Câmara Municipal, merece-nos as seguintes notas, que queremos verbalizar.

Em **primeiro** lugar, a **disponibilidade** imediata manifestada pelos serviços camarários para nos acompanharem – a uma marcação

que lhe coube em sorte na tômbola da sobrevivência. Vemo-lo, minutos depois, seguir sozinho e a passo lento, debaixo do viaduto, com a refeição que foi buscar ao centro.

Antes de seguir para a próxima paragem, uma voluntária da associação Integrar entrega um cobertor a um rapaz, ainda jovem, que está sentado num banco sob o viaduto. O rapaz recebe o agasalho, estende o punho cerrado e toca na mão da rapariga que ensaia o mesmo gesto. É um agradecimento. Depois deita-se e, já aconchegado, tenta adormecer no banco que lhe servirá de cama.

A resistência é a maior dificuldade

Nas traseiras da Segurança Social, junto à ferrovia que até há bem pouco tempo levava o comboio ao centro da cidade, "João" está sentado sobre um cobertor impecavelmente limpo e arrumado. A roupa, as sapatilhas, os bens pessoais cabem num saco do lixo que lhe serve de almofada.

Este homem, que já foi sapador florestal, dorme na rua há dois meses.

"Fui vítima das circunstâncias. Vivia na casa dos meus pais, eles morreram, e houve uma ação de despejo. Fiquei sozinho e sem nada", conta.

Diz que está disposto a mudar, a aceitar qualquer coisa para mudar a vida que se virou do avesso. A técnica da Associação Integrar lembra-o que já marcou algumas entrevistas para o ajudar, mas "João" nunca aparece. Ele – como tantos – encolhe os ombros e promete que não faltará à próxima chamada. Apesar de todas as dúvidas e da resistência, os técnicos nunca desistem de lhes mostrar que há alternativas.

"Nem todos querem deixar a rua. E garantir casa e trabalho a quem se habituou a não ter rotina nem sempre é tarefa fácil", diz a vereadora Ana Cortez Vaz.

Vícios e saúde mental

É quase meia-noite. Na rua do Arnado, dois homens estão deitados entre um amontoado de cobertores e a poucos metros dos contentores de lixo.

"Abel" é nortenho, tem 56 anos, cabelo grisalho escondido num gorro colorido, casaco bege de pele. Aninha-se numa caixa de cartão desengonçada na lateral de um hipermercado – em dias de sorte, os clientes dão-lhe comida. Esta noite comeu um pão com mortadela. Não tem RSI e o corpo está demasiado entorpecido para ir ao centro de reforço solidário buscar comida.

> Quando lhe perguntam pelos filhos, altera-se. Recusa falar. As rugas ficam mais profundas, a dor cravada no peito é uma chaga aberta

A seu lado, "Paulo" é um homem rabugento e alterado – nestas ruas abundam as doenças mentais, o isolamento, os vícios – o álcool é um deles. Ao ver um grupo de pessoas aproximar-se, vocifera, fala demasiado alto, diz que quer estar sozinho, ordena que não o incomodem.

"Cala-te. As pessoas só querem ajudar. Mordão!", atira "Abel".

Este homem – que esteve 22 anos na REMAR onde foi "cozinheiro, carpinteiro, e dava banho aos velhinhos" – já palmilhou o país. Passou por Penafiel, Lousã, Setúbal, Coruche... Mas sempre que "Abel" vai para uma instituição, acaba por desistir.

"Sinto-me preso e estou a habituado a beber um copinho", justifica. Agora veio o tempo frio e, por isso, pede para ir para o centro de acolhimento temporário O Farol, onde já esteve acolhido.

Quando lhe perguntam como chegou até aqui, admite que foi o álcool, esse vício, que o levou ao divórcio, à solidão, à rua. Logo ele, que chegou a ter uma "vida boa" e que guarda momentos tão felizes das noites de São João (que coincidem com o seu aniversário), quando a família se reunia numa casa que foi sua.

"Mais do que um agasalho ou um alimento, estas pessoas procuram uma palavra, alguém que os olhe nos olhos sem medo", diz Ana Cortez Vaz.

Nunca saberemos as portas que "Abel" deixou fechadas para sempre, mas há uma que está trancada a sete-chaves: quando lhe perguntam pelos filhos altera-se. Recusa falar. As rugas ficam mais profundas, a dor cravada no peito é uma chaga aberta. Daqui a nada, já mais calmo, voltará a sorrir.

Entretanto, "Paulo", o vizinho rabugento, reconhece o presidente da câmara e baixa a guarda. "A sério que é o presidente? Não brinque comigo!" A confirmação transforma-o num homem quase dócil e bem-humorado.

"Sabe o que é um piolho na cabeça de um careca?", pergunta ao autarca. "Um sem-abrigo", atira Paulo. Todos riem.



01 Na zona do Arnado, dois homens estão deitados entre um amontoado de cobertores



02 "Abel", um dos sem-abrigo que pernoita perto da rua do Arnado



03 José Manuel SIlva fala com uma das pessoas que foi buscar comida ao Centro de Reforço Solidário de Coimbra (CRESC)



04 Representantes da câmara, técnicos e voluntárias junto ao edifício da Segurança Social

---

de horas, sem qualquer critério prévio.
Em **segundo**, a **proximidade e conhecimento** manifestados por quem nos acompanhou, demonstradas pelo conhecimento do chefe de Divisão de Ação Social e da técnica da Associação integrar que contactámos e também com o cuidado evidenciado na abordagem individual feita pelos técnicos e voluntários, com um claro conhecimento da história pregressa de cada umas das pessoas que abordaram e, igualmente, com a atenção ao seu registo comportamental individual, garantindo a sua postura própria mas, igualmente, introduzindo elementos de correção e solução para o seu estado de vida. E essa aceitabilidade foi evidenciada pela proximidade transparecida pelos sem-abrigo, de disponibilidade e boa receção.
Em **terceiro**, também deve dizer-se, pelo conhecimento manifesto da situação mas, igualmente, da abordagem **de cuidado de humanitude** exteriorizado pela vereadora responsável por esta área de intervenção social.
Esse know-how deve ser destacado, habituados a que estamos com algum procedimento atarefado e envolvido por práticas apressadas sem o devido cuidado pelas pessoas abordadas.
Em **quarto** e último, também a prestação do presidente da câmara, que espontaneamente nos acompanhou durante o percurso das 3 horas noturnas e que igualmente evidenciou um cuidado de humanitude não comum neste tipo de visitas e trabalhos no exterior, no contacto com pessoas que se encontram em estado de vulnerabilidade e aspiram a um tratamento humano: de reconhecimento e ajuda do seu estado de vida e também, de proposta de ajuda solidária e respeitadora. E isso vimo-lo, sentimo-lo.

PS: Este manifesto não tem outra finalidade que não seja o registo voluntário do que observámos.

Há 259 pessoas em situação de sem-abrigo em Coimbra

●●● A 30 de junho de 2024 havia 259 pessoas na condição de sem-abrigo em Coimbra. Deste total, 107 viviam na situação de sem teto (na rua, num abrigo de emergência ou noutro local precário), enquanto os restantes 152 não tinham casa (viviam em alojamento temporário).

De acordo com o relatório do 1.º Semestre 2024 o Núcleo de Planeamento e Intervenção em Sem-Abrigo de Coimbra (NPISA), os últimos dados disponíveis, uma das características deste tipo de população é o facto de ser flutuante. Ainda assim, é possível identificar os seguintes pontos principais de pernoita: "Pátio da Inquisição, avenida Fernão de Magalhães, viaduto da Casa do Sal, viaduto da Segurança Social, Celas, traseiras da Casa da Cultura, Igreja de São José, baixa da cidade, antiga Fábrica de Porcelanas na Arregaça, e ainda, e em localização de pernoita desconhecida."

19 instituições que integram o NPISA

Com a chegada do inverno, estas pessoas são motivo de redobrada preocupação, mas a vereadora da Ação Social, Ana Cortez Vaz, destaca o trabalho em rede das 19 instituições que integram o NPISA no apoio e encaminhamento desta população. Um trabalho, aliás, que é do conhecimento dos próprios sem-abrigo.

"Praticamente todas as pessoas que estão nesta situação conhecem as respostas que existem na cidade, seja a nível da alimentação, do vestuário, alojamento. E eles, quando precisam, deslocam-se aos serviços para lhes ser prestado apoio", refere Jorge Ferreira, chefe de Divisão de Ação Social do município.

É o que acontece, por exemplo, no Centro de Reforço Solidário de Coimbra, onde, em colaboração com instituições da NPISA, é distribuído um reforço alimentar.

Há alguns anos, eram as equipas de rua que distribuíam os alimentos em carrinhas, "num contexto de evidente vulnerabilidade e pouca dignidade para as pessoas por decorrer na rua, com pouca salvaguarda da privacidade", defende Ana Cortez Vaz.

Além desta resposta – que funciona todos os dias –, estas pessoas podem ainda recorrer à Cozinha Económica, à Casa da Dignidade (ADFP), à Porta Amiga (AMI) ou à Cozinha Solidária da Associação Integrar.

A vereadora destaca ainda uma resposta que tem sido enaltecida a nível nacional: o Centro de Acolhimento de Emergência Noturno para pessoas em situação de sem-abrigo, criado em 2020, em colaboração com a Fundação ADFP. O centro, com capacidade para 25 pessoas, funciona em Semide, sendo garantido o transporte, ida e volta, em autocarro, além de proporcionar condições para efetuar a higiene pessoal e pequeno-almoço.

Centro de acolhimento e apartamentos partilhados

Para aqueles que precisam de acolhimento por um período de tempo limitado, existem em Coimbra três Centros de Acolhimento Temporário. E há, ainda, a possibilidade de serem acolhidos em apartamentos partilhados.

Durante os primeiros seis meses de 2024, foram acolhidas um total de 138 pessoas em situação de sem-abrigo: 55 na Farol da Cáritas Diocesana de Coimbra, 46 na Casa Abrigo Padre Américo e 37 no Centro de Acolhimento e Inserção Social da Integrar. As respostas de apartamentos partilhados serviram para acolher 26 pessoas.

Todos os dias, há equipas que asseguram a realização de giros de rua e que estabelecem um contacto com as pessoas em situação de sem-abrigo. Às quintas-feiras (noite em que o DIÁRIO AS BEIRAS acompanhou uma equipa), o giro noturno está a cargo da associação Integrar.

"Não precisam estar na rua"

O objetivo – já se disse –é apoiar e encaminhar esta população. Mas a missão primordial é mostrar a estas pessoas que "existe uma saída, que não precisam estar na rua".

"Mas sabe qual é o maior problema? Esta saída tem regras", explica Cortez Vaz.

De acordo com a responsável da câmara pela área social, Coimbra é uma cidade que tem uma grande rede de apoio a esta população.

"Não nos podemos esquecer que a Estratégia Nacional para a Inclusão das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo veio beber muito da sabedoria e da experiência do Projeto de Intervenção com Sem-Abrigo do Concelho de Coimbra (PISACC). Portanto, é aproveitar essas experiências, continuar a partilhar estas boas experiências e continuar a dar o melhor apoio", afirma a vereadora.



"O que mais me imp são as histórias que

O que mais impressiona nas conversas que tem com estas pessoas?

José Manuel Silva - O que mais me impressiona são as histórias que cada um tem. Quando eu ainda não era presidente da Câmara fui, um dia, ao antigo bar Navarro, junto da ponte Santa Clara. Passei lá uma tarde a falar com as pessoas, alguns sem-abrigo, que iam lá levar o saco do almoço para guardar no bar. Havia um senhor que costumava andar por lá a estacionar carros, mas entretanto iam começar as obras e ia perder o emprego. Contou-me que tinha sido segurança nos SMTUC, mas como ganhava mais dinheiro a arrumar carros, foi para ali para aquele estacionamento. Entretanto, estavam a começar as obras e tinham retirado

em números

259
pessoas em situação de sem-abrigo sinalizadas e acompanhadas em Coimbra a 30 de junho de 2024

107
pessoas sem teto (em Coimbra a 30 de junho de 2024)

152
pessoas sem casa (em Coimbra a 30 de junho de 2024)

164
pessoas em situação de sem-abrigo eram de nacionalidade portuguesa

7260
refeições (reforços) servidas no CRESC durante o 1º semestre de 2024

30
média de utentes que aceitam pernoitar no Centro de Acolhimento de Emergência Noturno para Pessoas em Situação de Sem-Abrigos

138
pessoas acolhidas em acolhimento temporário nos primeiros seis meses de 2024

pressiona
e têm para contar"

o estacionamento para que os autocarros parassem ali. A dada altura perguntei-lhe: "O que é que lhe apetecia fazer agora?" Ele disse: "apetecia-me ver a minha filha". E começou a chorar. Isto impressionou-me tremendamente porque são pessoas que sofrem, são pessoas que têm vidas complicadas, que não se souberam governar. Mas também não têm vontade para mudar as coisas, já não têm capacidade de ter vontade para mudar as coisas.

Nessa altura ainda não era presidente da câmara. O que é que o impressiona agora?

O que me impressiona agora é ver que há tanta gente boa e tanta instituição pronta a ajudar, a colaborar e a cooperar e, no entanto, continuamos a ter sem-abrigo na rua. O que me impressiona é ver que existem alternativas e que ainda há quem prefira continuar na rua.

